



A lógica das fantasias no discurso presente no conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa^{*}

Cristianne Spirandeli Marques

Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM)

Hohana Hassan Jomaa | Ivone Maria Nunes de Paula | Joeuder de Lima Silva
Josiane Rosa Amaral | Juliana Borges de Oliveira
Alunos do 4.º período de Psicologia do UNIPAM

Resumo: Este ensaio tem por objetivo a reflexão teórico-prática sobre a leitura/escuta da produção lógica de fantasias, promovida pela operação do método psicanalítico, e sobre a palavra narrada pelo protagonista, em sua relação com seu pai, no conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa. Nesse sentido foi possível evidenciar a formação psicopatológica de sentidos delirantes numa estrutura neurótica, na tentativa de uma construção identitária, por meio de uma análise psicanalítica do discurso humano.

Palavras-chave: fantasias, psicopatologia psicanalítica, método psicanalítico.

Abstract: This paper aims at a theoretical-practical analysis on the reading/listening of the logical production of fantasies, promoted by the operation of the psychoanalytic method, and on the words narrated by the protagonist, in his relationship with his father, in the short-story “The third edge it river”, by Guimarães Rosa. This way, it was possible to evidence the psychopathologic formation of delirious sensations in a neurotic structure, in an attempt to build an identity, through a psychoanalytic analysis of the human speech.

Keywords: fantasies, psychopathologic psychoanalytic, psychoanalytic method.

Introdução

Este ensaio pretende refletir sobre a potencialidade do discurso humano presente no conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa, como exercício teórico-prático de investigação de sentidos delirantes numa estrutura neurótica, na disciplina de Tópicos em Psicanálise no Curso de Psicologia do UNIPAM. A linguagem, considerada condição funda-

^{*} Trabalho de conclusão do Projeto Interdisciplinar realizado no 4.º período do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde (UNIPAM), em 22 de outubro de 2008, sob coordenação da Prof.^a Ms. Cristianne Spirandeli Marques, tendo por tema geral “A subjetividade em questão”.

mental da psique humana será – pela operação do método psicanalítico – percebida como mediatizadora da relação do protagonista, nosso “paciente”, com seu pai no conto. Ao trazer em si, o drama de sua experiência vivida e a trama psíquica em que se deu esta experiência, a narrativa revelou a necessária criação de sentidos/fantasias, pela ausência do pai, deixando à mostra as possibilidades de produção de uma identidade.

Do protagonista: nosso “paciente”

O conto “A terceira margem do rio” trata de uma narrativa sobre a dupla experiência de partida e perda do pai por um menino em sua infância. Essa experiência percorrerá – durante o conto – toda a vida desse sujeito psíquico, em busca de um sentido para o ocorrido, mas principalmente para sua existência como pessoa neste mundo.

Guimarães Rosa, grande literato, ao utilizar a palavra, segundo Lorenz (apud ROSENBAUM, 2007, p. 208), conta-nos que ele assim o fez como se ela tivesse acabado de nascer, limpando-a das impurezas da linguagem cotidiana, reduzindo-a ao seu sentido original/primeiro. Sua escrita, que visa desestabilizar o leitor, causa-lhe, pelo jogo das fantasias, a estranheza ao seu mundo familiar. Tornamo-nos, na leitura do conto, produtores com o autor de uma terceira história – a que comunicamos como sendo a de “nosso paciente”, sujeito humano em franco sofrimento psíquico.

A linguagem, lugar próprio da produção de fantasias, deixa à mostra uma história particular. Nesse sentido a experiência que fez partir o pai e dividir tanto o sentido da vida do filho/narrador em antes e depois da experiência, revelou a condição “seca”, de uma outra margem, a terceira palavra, a narrativa da própria experiência, nascida da relação presente na ausência do pai, sem palavras para a experiência com o outro, com cada membro da família, mas, em especial, para aquele que revelaria a ausência da função paterna na formação da identidade do menino.

Conta-nos nosso “paciente”:

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente – minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

(...) Sem alegria nem cuidado, nosso pai enalçou o chapéu e decidi um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beço e bramou: - “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!” Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso em mim, *me acenando de vir também, por uns passos*. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: - “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?” Ele só retornou o olhar em mim, e me botou benção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo – a sombra dela por igual, feito jacaré, comprida longa (grifo do autor).

(...) Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Nem queria saber de nós; não tinha afeto? Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: — Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim...; o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade (ROSA, 2001, p. 32).

Permanecendo durante o conto preso entre a culpa (o que teria ele a ver com a partida) e o medo (estaria o pai morto ou ainda vivo, e neste caso, haveria ele de sustentá-lo, alimentá-lo à margem do rio), duas margens próprias a sua vida que fizeram o personagem ir tornando-se um homem.

Inevitavelmente seu discurso deixa escapar a angústia do que é conflituoso, dando lugar aos seus traços característicos de uma patologia:

A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. (ROSA, 2001, p. 32)

Completamente tomado por pensamentos sobre a sobrevivência do pai no rio, ‘nosso paciente’ não se cansava de cuidar dele, e de saber que:

E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos (ROSA, 2001, p. 32).

A irmã se casou, deu a luz a um bebê, se mudou para longe de casa e a mãe acabou indo junto. Nosso “paciente” achou por bem nunca se casar, não podia. Seu pai carecia de si, e mesmo que buscasse alguém que pudesse saber o motivo do intento de seu pai, saber de notícias nunca lhe foi realmente possível. Persistia em si a dúvida do porquê de tanta tristeza e culpa, que a vida foi se tornando um “demoramento”.

Sem conseguir entender seu sentimento de culpa, a dor que transformara a vida numa demora, eis que nosso “paciente”, pela narrativa, pela palavra tentada, questiona-se em sua “doidera”, condição conflitiva, que nos revela a neurose, pois ao psicótico não caberia tal intento, visto que para ele a realidade psíquica é só e completamente a realidade, no entanto, delirantemente ou não em suas reflexões, nosso “paciente” por fim, vê o pai.

Não só bastando tê-lo visto, cresce-lhe a ansiedade de solicitar-lhe que deixe de tal fito, pois ele haveria de tomar-lhe o lugar na canoa, mas eis que:

Ele me escutou. Ficou de pé. Manejou remo n’água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por favor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado.

Porquanto que ele me pareceu vir: da parte do além. E estou pedindo, pedindo um perdão. Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoíinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio (ROSA, 2001, p. 32).

Do adoecimento ao estranhamento

No conto as palavras de Guimarães Rosa identificam um filho em suas diversas etapas da vida sustentando o vazio de sua existência e uma busca desencontrada pelo pai ausente, que conjecturalmente esteve à procura de algo mais, tendo por isto que sair da primeira margem, distanciar-se do filho, da família, dos padrões sociais e do projeto de vida até então construído. A possibilidade de tantas travessias, tantas margens, pareceu-nos demonstrar a possibilidade de uma expectativa diante dessa busca, na ação pela independência, por um talvez recomeço. Mas o filho clamado na hora da partida permaneceu estagnado na primeira margem, e a recriação de uma outra margem da vida, a transformação do destino em um novo porto inicial, não se realizou, impedindo-o de libertar-se do sentimento de culpa e do medo pela morte do pai.

A figura paterna, ao romper com as regras, com o esperado social, rompe também com o mundo racional do filho, produzindo uma sombra existencial. Pai e rio produzem significantes que se assemelham metaforicamente. O rio tem em suas profundezas um mistério sem fim – calado pela natureza úmida, tanto quanto seu pai em seu intento: “Seu pai sempre foi homem de poucas palavras – calado” (ROSA, 2001, p. 32).

De acordo com Mannoni (apud GARCIA-ROZA, 2000, p.65) para Lacan o inconsciente é estruturado como uma linguagem, em que partindo da estrutura deste, de sua lógica formal, deparamo-nos com sua condição de força determinante, mesmo no caos.

Mesmo “nosso paciente” tendo ao longo da narrativa detalhado a estrutura de sua relação imaginária com seu pai, é ao final do conto que somos surpreendidos com ele a questionar sua condição de loucura, revelando a descontinuidade (GARCIA-ROZA, 2000, p.171) do discurso consciente. O que ultrapassou nosso “paciente” em sua construção imaginária? Atropelado pelo sujeito do inconsciente ele se percebe, no intuito de tomar em consideração a produção delirante de tomar o lugar do pai, que o momento poderia lhe abrandar a culpa, que se impunha como sentimento deslocado de uma idéia que lhe permaneceu desconhecida, pela escrita de Guimarães Rosa.

A nós cabem, no entanto, simbolismos ditos, que merecem consideração, como o desejo do nosso “paciente” de ser homem em algum momento, sem ter podido sê-lo pela ausência/permissão do pai.

Ao ter de permanecer cuidando do pai, ao nosso “paciente” era vedada a condição de produção de uma terceira margem, de um sentido distinto do que lhe havia sido pelo

imaginário outorgado pelo pai. Seria o desejo de ser homem, de romper como o fez em sua última produção delirante, o motivo da culpa, por desejar “matar” o pai, desejá-lo morto, para ser livre, para ser outro?

Segundo Freud (1908, p. 152) as forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo inconsciente, uma correção por assim dizer da realidade insatisfatória.

A estruturação de suas fantasias revelou a produção de sentidos para a experiência que lhe foi autorgada de viver a ausência presente, pela falta do dito, que se manteve solicitado pelo nosso “paciente”, ao longo do conto, pois o pai a todos não ofereceu palavra.

Da psicopatologia psicanalítica e psiquiátrica

A psicopatologia psicanalítica nos alerta para a condição produtiva de sentidos da psique humana, que tanto gera a psique “sadia”, quanto a psique em condição de análise, adoecida.

Neste estudo de caso a produção delirante nos indicou que o filho, nosso “paciente” tinha a percepção da figura do pai sem a sua presença real, que estava fora de seu lugar, fazendo-o permanecer à margem do curso de sua vida, significando ser esta a sua “insanidade”, “confusão”.

Sua mãe e seus irmãos foram capazes de construir uma nova vida, sem essa fixação em que vivia o filho. A capacidade de orientar-se, de prosseguir uma nova vida, é considerada aspecto saudável do comportamento humano, enquanto que a confusão é tida como um aspecto de atenção deficitária (Adams e Victor, 1974).

Assim, a psicopatologia descritiva do comportamento, própria do modelo médico e das teorias da personalidade, também faz ver que o filho produziu alterações de consciência e de atenção, déficits cognitivos específicos (desorientação temporo-espacial, comprometimento da memória, do pensamento e do juízo), alterações senso-perceptivas (alucinações ou ilusões visuais e auditivas), perturbações da psicomotricidade (agitação) e do humor (apatia).

O aspecto descritivo próprio da psicopatologia médica tem por intento o asseguramento diagnóstico, enquanto que a psicopatologia psicanalítica freudiana, ao aproximar o patológico do normal, visou esclarecer que ao nos tratarmos, também temos a chance de conhecer as produções psíquicas, que indicam a natureza inconscientemente desejante de nossas mentes.

Considerações Finais

Ao utilizarmos o conto como fonte de linguagem humana, refletimos metodologicamente sobre o detalhamento do dito, que comunica a lógica das fantasias, no caso do nosso pretendido “paciente”.

As discussões em grupo para produção deste ensaio permitiram o exercício de uma escuta que não toma o dito como assuntos que se alteram simplesmente, como se ao narrador só coubesse contar uma história, ação cotidiana que praticamos, que costumamos realizar sem reflexão.

Nesse exercício esteve em questão a possibilidade de ouvir um menino imerso no rio, no outro – o pai, impedido pela ausência do dito que o fez, mais do que o tornou homem/sujeito desejante, buscar com a própria vida a possibilidade de sua existência, de uma terceira margem.

Assim a condição de formação de uma identidade esteve o tempo todo em questão, pela escuta/leitura do conto, com o intuito de aproximar o estudante de psicologia da realidade da produção da psicopatologia. Também graças a Guimarães Rosa, às investigações sobre a psique humana na psiquiatria, na psicologia e na psicanálise, e ao nosso colega e ator no UNIPAM, Aurélio Rocha – na peça sobre o conto, apresentada por motivo do projeto interdisciplinar, no dia 4 de novembro, fomos capazes de transpor margens dentro desse maravilhoso universo literário que a mente humana nos permite no curso de uma possível “terceira margem do rio”.

Referências bibliográficas

ADAMS, R. D. & VICTOR, M. Delirium and other confusional states, in: WINTROBE, M. M. et al. (eds.) *Principles of Internal Medicine*. New York: McGraw-Hill, 1974, p. 149-56.

FREUD, Sigmund. (1908) Escritores Criativos e Devaneio, in: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GARCIA ROSA, Luiz Alfredo. *Freud e o Inconsciente*. 17. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ROSA, Guimarães. A terceira margem do rio, in: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSENBAUM, Yudith. Leituras psicanalíticas de Guimarães Rosa: Resenha de Tânia Rivera - Guimarães Rosa e a Psicanálise: ensaios sobre a imagem e a escrita, in: *Percurso: Revista de Psicanálise/ Instituto Sedes Sapientae*. Ano XIX, n. 38. São Paulo: Instituto Sedes Sapientae, 2007, p. 208-212.